



ID: 57846850

08-02-2015

**REPORTAGEM** Foi negligenciada pela família biológica e “devolvida” na primeira adoção. **Por** Dora Mota

# Ana tornou-se filha da sua terceira mãe



“Ela chamou-me logo mãe. Só lhe chamei filha dois dias depois”, recorda Helena, mãe de Ana

Helena é a mãe, Ana é a filha. Quando se conheceram, Ana já tinha passado por duas mães. Foi retirada ainda bebé, com nove meses, da família biológica, por negligência. Aos quatro anos, foi entregue a um casal, que não chegou a completar a adoção. Ficou com eles quatro meses, menos dois do que o limite previsto na lei para a pré-adoção.

Foi “devolvida” pelo casal à instituição e, aos sete anos, Helena desejou ser mãe dela. A primeira vez que a menina viu Helena, que a esperava numa sala, tremendo de ansiedade, não hesitou. Cumprimentou-a num abraço e disse “Olá, mãe”. Têm sido felizes juntas desde então.

Os nomes são fictícios, a história é verdadeira. Helena, de 54 anos, queria adotar há alguns anos e, apesar do receio, avançou para a adoção de uma menina de sete anos, sem saber que carga emocional traria. “Disseram-me que podia ser um caso difícil, porque a menina tinha sido rejeitada por outra família”, conta. Falou com alguns amigos mais próximos. “Disseram-me ‘és uma mulher de causas difíceis, avança’”, recorda.

Um dia, chamaram-na, foi com uma amiga. Ficou à espera, sozinha, sem saber o que chegaria quando a porta

abrisse. “Ela chamou-me logo mãe, desde aquele momento, e eu não sabia como reagir, só lhe chamei filha dois dias depois”, diz. Correu tudo bem e Ana tem uma vida estável, feliz, bem integrada na família, na escola, na comunidade.

Foi há dois anos e meio, a menina tem agora nove anos e consegue falar do passado. Não tem memória da mãe biológica, mas do pai sim. “Ele visitava-a muito pouco, mas brincava com ela e ela lembrava-se dele”, diz Helena. Dos pais adotivos, recorda-se bem e consegue falar dessa família à qual pertenceu fugazmente, com ligeira mágoa. “Ela diz que não gostou deles, não sei se é uma defesa”.

Para Helena, ver a filha crescer feliz, sem ressentimentos, é quanto basta. Inês teve acompanhamento psicológico quando regressou à instituição, mas já não precisa. “As pessoas dizem-nos que, mesmo que eu fosse a mãe biológica dela, se calhar não era tão igual a mim. É uma peça que encaixa na outra”, diz Helena, sorrindo. ●

**HELENA AVANÇOU, MESMO SABENDO QUE PODERIA RECEBER UMA CRIANÇA DIFÍCIL**

## Processo de adoção nem sempre acaba bem

**OS MIÚDOS** querem “uma vida normal, como aquela que os desenhos animados falam”, mas as histórias de adoção nem sempre têm finais felizes. As elevadas expectativas dos pais, a idade das crianças e o facto de deixarem irmãos nas instituições são determinantes, na opinião da pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, para que o nascer de uma nova família não seja bem sucedido.

“O que acontece muitas vezes é que os pais adotivos não consciencializaram bem a sua tristeza de não poderem ter filhos biológicos e projetam muitas expectativas na adoção de uma criança”, explica a especialista ao JN.

Porém, se a criança tiver mais de três anos de idade “já tem muitas experiências de vida, nomeadamente sociais”, o que lhe cria “dificuldade naquilo a que chamamos vinculação às figuras parentais, ou seja, aos pais adotivos”.

E concretiza: “Se estão há muitos anos na instituição, ou se nunca estiveram senão em instituição, os mais pequenos têm muitos processos de autonomia egocêntrica, que os pais, na azáfama e na grande vontade de terem um filho, não compreendem e pensam que a criança não gosta deles”.

A existência de irmãos, que ficam nas instituições, tam-

*“Os miúdos que são adotados também têm saudades do irmão ou da irmã”*

Ana Vasconcelos  
Pedopsiquiatra

bém contribui para a criança não se vincular com facilidade. E à medida que os miúdos vão crescendo, “os seus mecanismos de ataque e fuga são

*“Nos dois casos que conheci, foi a criança que não quis a adoção”*

Marta Costa  
Advogada

mais elaborados”. “Já tive situações dessas, em que, no fundo, teria sido muito melhor a criança não ter duas ou três tentativas de adoção,

mas ficar na instituição até à maioridade”, sublinha Ana Vasconcelos.

O JN tentou perceber junto do Instituto de Segurança Social, que tutela as adoções, quantas crianças estavam institucionalizadas em 2014 que tivessem passado por um (ou mais) processo de adoção que ficou pelo caminho. Mas, depois de mais de um mês à espera, a entidade não respondeu às questões colocadas.

A advogada Marta Costa já acompanhou vários processos de adoção, durante a sua experiência profissional na PLMJ. E sabe de dois casos, que não passaram pelo escritório, em que a adoção não se

concretizou. Em ambos foi a criança que rejeitou os futuros pais. “Nos dois casos que conheci, claramente a criança foi ouvida”, diz.

A adoção é decretada pelo tribunal e efetua-se a dois tempos. Há uma pré-adoção, de seis meses, antes de ser decretada a adoção plena. “Há atualmente uma sensibilização muito maior por parte dos tribunais e dos vários profissionais envolvidos para a audição e compreensão das razões da criança”.

Quando a adoção fica pelo caminho, os candidatos adotantes podem voltar a tentar ser pais de outra criança. A não ser que tenham infligido maus-tratos à anterior. **ANA GASPAR**



**REPORTAGEM** P.9

# Quando o processo de adoção não tem um final feliz